

Dekassegui tira contas externas da zona de risco

Os dekassegus saíram do Brasil para o Japão para resolver um problema: ganhar dinheiro, garantir o futuro e reforçar o orçamento familiar com suas remessas. Resolveram esse problema e ajudaram a aliviar o do balanço de pagamentos. Entraram no País, no primeiro trimestre, US\$ 855 milhões de transferências, em termos líquidos. Boa parte desse dinheiro veio de trabalhadores no Exterior, com participação certamente muito grande dos dekassegus. Sem isso, o déficit em transações correntes teria superado US\$ 4,2 bilhões. Os dados são do Banco Central.

As transferências mais que compensaram o fiasco na contas de comércio, um déficit de US\$ 435 milhões de janeiro a março. O buraco poderia ter sido menor, se as exportações dos últimos dois dias de março fossem contadas. Como o sistema eletrônico entrou em pane, os valores foram contabilizados em abril. Isso não altera muito os fatos: ainda sobrou um déficit de US\$ 237 milhões em quatro meses. Foi um resultado muito melhor que o de um

ano antes, é claro. De janeiro a março do ano passado, a despesa com importações ultrapassou por US\$ 2,3 bilhões a receita de exportações. A melhora foi conseguida com elevação de tarifas, alguma desvalorização cambial e, principalmente, uma violenta freada na economia, com juros muito altos e muitas demissões que poderiam ter sido evitadas.

O maior buraco foi o da conta de serviços, US\$ 3,8 bilhões. As remessas de lucros e dividendos diminuíram, como assinala o relatório do Banco Central. Isso indica aumento de confiança na economia brasileira. Mas a remessa de juros cresceu. O déficit em serviços, de toda forma, é uma condição inevitável num País com dívida externa elevada. A função do superávit na conta de mercadorias (mais conhecida como conta de comércio) é, se não compensar, pelo menos atenuar o peso do déficit em serviços. Isso deixou de ocorrer desde o ano passado.

Somadas as três contas — de mercadorias, de serviços e de transferências —, obtêm-se o saldo das transações correntes: neste caso, um

déficit de US\$ 2,4 bilhões, equivalente, segundo estimativa do BC, a 2,4% do Produto Interno Bruto (PIB) do período. No primeiro trimestre do ano passado, o rombo equivaleu a 4,1% do PIB. A situação melhorou, é claro, mas é bom não esquecer um pormenor: um déficit acima de 2,5% do PIB é considerado perigoso, mesmo na retórica do governo.

A conta de capitais teve um superávit de US\$ 7,4 bilhões, mais que o dobro do necessário para cobrir o déficit em transações correntes. Ainda sobram, portanto, US\$ 4 bilhões. Foi esse o superávit do balanço de pagamentos. Mas de onde vieram aqueles US\$ 7,4 bilhões? Na maior parte, de aplicadores interessados em retorno a curto prazo. Juros altos e ações baratas atraíram esse dinheiro. Qualquer susto pode fazer os aplicadores mudar de idéia.

O caminho mais saudável é estimular exportações, até porque isso também atrai investimentos diretos. Não é recomendável mexer muito no câmbio, mas pode-se, por exemplo, reduzir a carga fiscal sobre as vendas, muito maior que noutros países.